



**JOANA DE OLIVEIRA SANTOS**

**O CUIDADO DE ENFERMAGEM À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA**

**Conceição do Coité – BA**  
**2022**

**JOANA DE OLIVEIRA SANTOS**

**O CUIDADO DE ENFERMAGEM À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA**

Artigo Científico apresentado à disciplina de TCC II, do curso de Enfermagem da Faculdade da Região Sisaleira, como requisito básico de avaliação para conclusão de componente curricular.

Orientadora: Profa. Esp. Thayssa Carvalho.

Coorientadora: Amanda Boaventura.

**Conceição do Coité – BA**

**2021**

**Ficha Catalográfica elaborada por:  
Joselia Grácia de Cerqueira Souza – CRB-Ba. 1837**

**S231c** Santos, Joana de Oliveira

O cuidado de enfermagem à mulher vítima de violência/Joana de Oliveira Santos .- Conceição do Coité (Ba.), FARESI, 2021.

**Referências:**

Artigo Científico apresentado à disciplina de TCC II, do curso de Enfermagem da Faculdade da Região Sisaleira, como requisito básico de avaliação para conclusão de componente curricular.

Orientadora: Profa. Esp. Thayssa Carvalho

Coorientadora: Amanda Boaventura

1. Violência contra a mulher. 2. Cuidado de Enfermagem. 3. Atenção Primária à Saúde. 4. Enfermagem. I. Título.

**CDD : 362.83**

# O CUIDADO DE ENFERMAGEM À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA

Joana De Oliveira Santos<sup>1</sup>

Thayssa Carvalho<sup>2</sup>

Amanda Boaventura<sup>3</sup>

## RESUMO

Neste artigo, versamos sobre a concepção da violência contra a mulher, sendo esta considerada, dentre outros fatores, como fruto de uma desigualdade de gênero, acometendo diversas classes sociais, etnias, raças e mulheres de baixo nível de escolaridade. Objetivo: abordar sobre os cuidados de enfermagem e analisar as diversas formas de violência contra a mulher. Métodos: trata-se de uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo, em que foram coletados materiais publicados entre os anos de 2007 a 2021, utilizando as bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), e Biblioteca Virtual em Saúde. Resultados: com base nos estudos realizados, reconhecemos que durante a graduação em enfermagem existe uma grande defasagem na capacitação, no correto preenchimento e da importância da ficha de notificação compulsória. Conclusão: este trabalho evidenciou a importância do enfermeiro diante das situações de violência, bem como os cuidados para com as vítimas, discorrendo um pouco sobre as leis e órgãos de proteção, os programas direcionados às vítimas e ações a serem desenvolvidas em unidade de saúde da família e escola.

**PALAVRAS CHAVE:** Violência contra a mulher; Cuidado de Enfermagem; Atenção Primária à Saúde; Enfermagem.

## ABSTRACT

In this article, we discuss the concept of violence against women, which is considered, among other factors, as the result of gender inequality, affecting different social classes, ethnicities, races and low-educated women. Objective: Address nursing care and analyze the various forms of violence against women. Methods: this is a literature review of a qualitative nature, in which materials published between the years 2007 to 2021, were collected, using the following databases: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Academic Google, official websites and Virtual Health Library. Results: based on the studies carried out, we recognize that during the undergraduate nursing course there is a large gap in training, correct completion and the importance of the compulsory notification form. Conclusion: this work highlighted the importance of nurses in situations of violence, as well as care for victims, talking a little about laws and protection bodies, programs aimed at victims and actions to be developed in the family health unit and school.

**KEYWORDS:** Violence against women; Nursing care; Primary Health Care; Nursing.

---

<sup>1</sup> Discente de Enfermagem.

<sup>2</sup> Orientadora.

<sup>3</sup> Coorientador.

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Madeira *et al.* (2012), a violência contra a mulher parte da desigualdade de gênero, com isso encontra-se a dificuldade com a liberdade e direitos humanos. Destaca-se, portanto, que a submissão da mulher sempre esteve presente na sociedade, de forma ainda mais intensa no decorrer dos séculos, atribuindo à mulher uma posição inferior em relação ao homem e, por conseguinte, dificultando a efetivação de direitos já formalmente positivados.

Conforme o Boletim Epidemiológico da Luta contra a Violência à Mulher (2020), esse problema inclui diversas classes sociais, etnias e raças. As mulheres negras representam 59% das vítimas, correspondendo a 28.169 casos; seguidas pelas brancas com 8%, sendo elas 3.564; indígenas 1%, pertencente a 314 casos; e amarelas 1%, relativo à 270. No Estado da Bahia, as mulheres entre 15 e 34 anos são as mais acometidas por violência. A população feminina com baixo nível de escolaridade sofre mais, já que possui, por esse motivo, maior dificuldade para identificar a violência e tem menor acesso às informações acerca dos seus direitos.

É válido salientar que a violência contra a mulher perdura durante anos, mas diante dos constantes avanços, existe hoje o apoio e proteção da justiça através da Lei Maria da Penha (11.340/2006), da Lei do Feminicídio (13.104/2015) e da Lei do Minuto Seguinte (12.845/2013), que colabora com o conhecimento da sociedade sobre a violência contra a mulher e suas penalidades.

Discorrer sobre a violência contra a mulher é de extrema relevância, pois percebe-se que há diversas situações onde estas sofrem a violência e não percebem no início do ciclo, que geralmente se inicia com o aumento da tensão, na qual o agressor mostra-se tenso e irritado por coisas insignificantes, chegando a ter excessos de raiva e humilhando a vítima, fazendo ameaças e destruindo objetos. Posteriormente, há mudanças no comportamento do agressor, percebidas pela falta de controle que chega ao limite do ato violento em suas mais variáveis formas até a última fase, também conhecida como “lua de mel”. Nesta, o agressor torna-se amável para conseguir a reconciliação. Muitas vezes a mulher se sente confusa e pressionada a manter seu relacionamento diante da sociedade e, por vezes, abre mão dos seus direitos e recursos.

Algumas destas mulheres acreditam que a justiça pode não ser feita de maneira correta, porque na maioria das vezes o agressor vai preso, mas infelizmente cumpre a pena em liberdade ou paga a fiança correspondente e, com isso, volta para casa, tendo assim uma grande chance de cometer a violência inúmeras vezes, pois mesmo após 15 anos de promulgação da Lei Maria da Penha, ainda há impunidade. Todavia, no cenário atual já é possível contar com as delegacias de defesa da mulher, em que é possível ser acionada através do disque 180, Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM), bem como leis que dão proteção às mulheres, nas quais possuem para além das punições para com o agressor, a prevenção de outros tipos de violência e prevenção do homicídio.

Dadas estas considerações, o presente artigo foi desenvolvido com o intuito de despertar nos leitores a importância de se discutir e melhor conhecer a temática ora evidenciada. O estudo tem como objetivo geral, abordar sobre os cuidados de enfermagem frente à violência. No que tange aos objetivos específicos, estes buscam analisar as diversas formas de violência contra a mulher, sendo elas: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, órgãos de proteção para o enfrentamento, ações possíveis a serem desenvolvidas em Unidades de Saúde da Família (USF) e escolas, abordar os direitos para com as vítimas e sua igualdade frente a sociedade.

Este estudo abrirá novos horizontes, em especial no que se refere aos cuidados de enfermagem, haja visto que, diante do trabalho realizado, o direcionamento às vítimas será muito diferente e trará novas possibilidades de se pensar a transformação desse cenário tão cruel que afeta a vida de muitas mulheres. Como profissional da área da saúde, o mesmo saberá reconhecer e orientar acerca das legislações vigentes, delegacias de proteção às mulheres e demais programas de proteção.

Somando-se a isso, enfermeiros que atuam em USF, juntamente com sua equipe, terão sugestões de ações específicas, como palestra em escolas e salas de espera, gerando uma maior aproximação com a população do seu território de abrangência, a partir da identificação dos determinantes sociais que favorecem os atos de violência, construindo vínculos e passando maior

segurança para abordar sobre qualquer assunto ou situação que esteja acontecendo no contexto familiar, inclusive de forma mais eficaz, sobre as situações de violência.

Frisamos que a escolha desse tema se justifica pela necessidade de trazer esta discussão com opiniões e soluções para a mudança e melhora da atuação do enfermeiro frente à violência contra a mulher, pela qual os profissionais se dediquem a estudos como este, aprimorando e desenvolvendo novos conhecimentos, pois é de suma importância ter a consciência de um acolhimento específico, escuta ativa e qualificada, com um tratamento alinhado à Política Nacional de Humanização (PNH), compreensivo e livre de julgamentos ou juízo de valor, para que cumpra com as reais necessidades das usuárias que estejam vivenciando tais circunstâncias, transmitindo confiança, conforto e acolhimento, sabendo direcionar as mesmas para cuidados e tratamentos específicos, a exemplo de acompanhamento multiprofissional com psicólogo e grupos de apoio.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Esta seção dedica-se a abordar aspectos direcionados à violência contra a mulher e as condutas tomadas pelos profissionais de saúde frente aos sinais e sintomas das vítimas.

### **2.1. VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER**

Segundo Viana *et al.* (2018, p.2),

A violência contra a mulher é um grave problema de saúde pública e é identificada como a ação ou a omissão baseada no gênero que cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.

Sendo assim, a violência contra a mulher é denominada pelo seu gênero e, com o passar dos anos, a igualdade para com homens e mulheres está sendo mais vista, com isso o machismo vem ganhando ainda mais força, pois a maioria dos homens se sente ameaçada ou com a masculinidade frágil, em detrimento

das conquistas femininas por direitos iguais e, com isso, surge a violência iniciada com ameaças e falácias de que lugar de mulher é na cozinha, obedecendo ordens e sendo submetida ao homem. Não obstante a isso, esse machismo aqui descrito chega a configurar-se em um dos mais covardes atos: a violência física (VIANA *et al.* 2018).

Para Goudes *et al.* (2014, p.3),

A violência física é qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal. Classificados como espancamento com a mão ou objetos, tentativas de estrangulamento, arremesso de objetos contra a mulher e soco pontapés entre outros. Podendo chegar a assassinatos.

Deste modo, evidencia-se com maior potência que a violência contra a mulher é um grave problema de saúde pública, por afetar a vítima em muitos âmbitos da sua vida, seja ela profissional, social, familiar ou mesmo amorosa. Muitas das mulheres têm dificuldade de se libertarem dos agressores e dar um ponto final nas violências, por possuírem uma grande dependência econômica e afetiva. Em razão disso, estas mulheres se mantêm em relacionamentos abusivos, enfrentando outro modo de violência, compreendido como violência psicológica (GOUDES *et al.* 2014).

Acerca dessa violência, Silva *et al.* (2007, p.4) reconhece que,

A violência psicológica é toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Inclui: ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração e crítica pelo desempenho sexual, não deixar a pessoa sair de casa, provocando o isolamento de amigos e familiares, ou impedir que ela utilize o seu próprio dinheiro.

A violência psicológica traz uma preocupação de nível maior, pois altera e mexe muito com o psicológico do ser humano, podendo trazer grandes problemas como: depressão, tentativas de suicídio, estresse, crise de ansiedade, síndrome do pânico e sentimento de insuficiência (SILVA *et al.* 2007).

Em um alinhamento a estas concepções, Miúra *et al.* (2018, p.2) afirma que “a violência doméstica e familiar contra a mulher é qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”.



Esta violência é vista também como um relacionamento abusivo, que é ocorrido dentro dos lares, independentemente do nível econômico-social, o que confirma que essa problemática é algo de caráter social e não individual, seletivo. Em vista das violências domésticas, sucedeu a Lei do Feminicídio, em razão da incidência de maiores homicídios nos lares provocados por parceiros íntimos. Dessa forma, consideramos que a lei supracitada é uma grande parceira em defesa das mulheres, levando o indivíduo a uma penalidade considerada alta: de 06 a 20 anos de reclusão (MIURA *et al.* 2018).

As formas de violência, como descritas neste ensaio, são diversas e trazem marcas danosas à vida das mulheres. Para além das outrora destacadas, outra forma de violência é a sexual, apontada por Teixeira *et al.* (2012, p.9) como:

(...) qualquer ato que a induza ou obrigue a utilizar sua sexualidade para fins comerciais; contra sua vontade, ou a impeça de empregar métodos contraceptivos; que force ao casamento, ao aborto ou a prostituição.

Esta violência caracteriza-se por um ato de estupro por parceiro íntimo, sendo bastante comum e, por vezes, as mulheres não enxergam como um ato violento, em razão da falta de conhecimento a respeito, além de considerar que, por serem casados, devem submeter-se a relações sexuais aquém do seu desejo e/ou consentimento (TEIXEIRA *et al.* 2012).

Segundo Goudes *et al.* (2014, p.4),

A violência patrimonial é qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos ou instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

A violência acontece de certa forma também para estar amedrontando a vítima. A partir do momento em que o agressor quebra objetos, esta ação faz com que a mesma se sinta retraída e sem reação, tal situação ocorrida dentro do ambiente familiar tem um grande poder de prejudicar o crescimento dos filhos, pois crescem vivenciando diversos tipos de agressões e, assim, acabam tendo dificuldades futuras em se relacionar com o meio social, desenvolvendo também inúmeros transtornos psicológicos (GOUDES *et al.* 2014).

Para além dessas, tem-se a violência moral, classificada por Teixeira *et al.*

(2012, p.9) como:

Qualquer conduta que exponha a mulher a calúnia, difamação ou injúria, que são os crimes contra a honra previstos no Código Penal. Xingar, acusar de traição, espalhar mentiras humilhantes, publicar fotos eróticas na internet.

Trata-se esta violência como algo que modifica o psicológico da vítima, visto que o agressor a desvaloriza, faz acusações, críticas, expondo a sua vida íntima, deixando a mulher vulnerável a outros tipos de comentários sobre ela. Desse modo, a vítima se priva de sair, trabalhar, de ter uma vida como qualquer outra pessoa, uma vez que passa a ter vergonha e baixa autoestima diante dos comentários negativos atribuídos a ela (Teixeira *et al.* 2012).

## **2.2. ENFERMAGEM FRENTE À VIOLÊNCIA**

Compreendemos que é de suma importância ter um profissional enfermeiro ativo no território de atuação, que conheça os respectivos determinantes sociais que interferem no processo de saúde-doença, tendo o conhecimento de como é a vivência de cada família e se há casos de violências presentes na comunidade. Numa tentativa de redução desse cenário, são indicadas ações a serem organizadas por toda a equipe multiprofissional, para realização de palestras em escolas e salas de espera na USF, com abordagens múltiplas através de documentos, dados epidemiológicos, dinâmicas e momentos para dúvidas e esclarecimentos, como possibilidade de alertar a população sobre estes atos de violência, por vezes tão negligenciados (LETTIERE *et al.* 2008).

Uma vez que a violência já ocorrida, sendo ela física, psicológica ou sexual, o profissional de saúde é direcionado a fazer consultas de acompanhamento para assim tratar possíveis lesões, prescrever exames para investigação de IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e encaminhar para acompanhamento multiprofissional, programas de apoio e abrigo, quando se fizer necessário.

Na consulta de enfermagem, é valioso acolher a cliente em um local

silencioso, tranquilo e com privacidade, praticar um atendimento humanizado, disponibilizar tempo para a escuta, ouvir de forma empática e sem julgamentos, respeitar os aspectos socioeconômicos, culturais e históricos que envolve, nessa oportunidade o profissional ficará atento aos relatos de dores crônicas, dores de cabeça, depressão, baixa autoestima e lesões físicas (BARBOSA *et al.* 2007).

Além do mais, é de suma importância que os profissionais de saúde tenham acesso à ficha de notificação de violência e o conhecimento de como preenchê-las de maneira correta, pois elas têm o direcionamento para a vigilância epidemiológica da secretaria de saúde, com fins de terem um controle e estatística de quantos casos têm em média existentes no município, podendo também entrar com ações diante dos povoados e bairros que são mais acometidos pela violência, propondo, dentre outras coisas, políticas públicas de enfrentamento a este tipo de violência.

### **3. MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo, com o objetivo de analisar, a partir da literatura atual, as diversas formas de violência contra a mulher, abordando sobre os cuidados de enfermagem e ações possíveis a serem desenvolvidas em PSF e escola.

Para o desenvolvimento do artigo, foram coletados materiais publicados entre os anos de 2007 a 2021, utilizando as bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Biblioteca Virtual em Saúde.

Mediante todo o processo de análise, encontramos 507 artigos, dos quais foram descartados 498, por incompatibilidade com os critérios pré-estabelecidos, restando somente 09, correspondentes às bases em evidência, sendo eles: 05 da SciELO e 04 da BVS.

Para a escolha desses artigos, utilizou-se os seguintes critérios de inclusão: artigos brasileiros com idioma português e artigos de literatura, mediante os descritores: violência contra a mulher, enfermagem, cuidados de enfermagem e atenção primária à saúde. Como critérios de exclusão, utilizou-se: artigos em língua estrangeira e com recorte temporal inferior a 2007.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, foram revisados 507 artigos, onde somente 09 se enquadraram nos critérios estabelecidos. Na base de dados SciELO foram encontrados 402 artigos e destes, 05 foram selecionados; na base da Biblioteca Virtual em Saúde foram encontrados 105 artigos e selecionados 04. Ao final, foram analisados 09 artigos que atenderam aos critérios de inclusão. Os dados foram organizados em ordem cronológica, de acordo com o Quadro 1 a seguir.

**QUADRO 1** – Distribuição dos artigos utilizados.

AUTOR/ANO	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	CONCLUSÃO
SILVA, L. L. <i>et al.</i> 2007.	Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica.	Identificar as violências sutis que ainda se encontram em estágio embrionário.	Qualitativa	Entende-se que as estratégias de prevenção da violência (seja ela doméstica, urbana ou institucional) devem levar em consideração o fato de a violência psicológica ser o ponto inicial que deflagra toda violência doméstica.
LETTIERE, A. <i>et al.</i> 2008.	Violência contra a mulher: a visibilidade do problema para um grupo de profissionais de saúde.	Identificar como os profissionais de saúde de uma maternidade percebem e atuam frente a situação de violência.	Qualitativa	Observou-se que os profissionais de saúde caracterizaram a violência contra a mulher como um problema sério e importante na sociedade, tendo como causa e consequência a desigualdade de gênero.
GUEDES, B. K. S. <i>et al.</i> 2014.	Violência contra a mulher.	Propor discussões acerca do assunto	Qualitativa.	Percebemos com este estudo que a violência contra a mulher é fruto

		e informar as instituições de amparo existentes no município de Fortaleza, Ceará.		das desigualdades de gênero, sendo estas identificadas nos papéis atribuídos pela sociedade aos homens e às mulheres e que isto advém de raízes culturais criadas e impostas pelos indivíduos.
VIANA, A. L. <i>et al.</i> 2018.	Violência contra a mulher.	Analisar notificações de	Qualitativo e descritivo.	Constatou-se um número crescente de notificações entre os
		violência contra a mulher.		anos de 2015 e 2016, porém, ainda insuficiente para superar a subnotificação de ocorrências de violência contra a mulher no serviço estudado, o que contribui para que esse fenômeno continue velado.
<b>AUTOR/ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>CONCLUSÃO</b>
MIURA, P. O. <i>et al.</i> 2018.	Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos.	Identificar, analisar e compreender o uso dos termos VD e VI em artigos acadêmicos na área da psicologia.	Revisão sistemática; Quantitativa.	Entendemos sobre a importância de discutir e refletir sobre o uso dos termos VD e VI no sentido de não os cristalizar e reduzi-los a compreensões deterministas e/ou restritas às relações microsociais.

SOUZA, M. A. R. <i>et al.</i> 2020.	Educação permanente em saúde: desenvolvimento de	Estruturar um modelo de Educação Permanente em Saúde para o	Qualitativa.	Espera-se, portanto, que a proposta vinculada ao capítulo destinado à relação das estratégias sugeridas
--	--	---	--------------	---

	competências profissionais na atenção às mulheres em situação de violência.	desenvolvimento de competências dos profissionais de uma rede intersetorial de atenção à mulher em situação de violência.		por quem atua junto a essas mulheres, contribua na implementação desses processos de maneira efetiva na qualificação profissional.
CARNEIRO, J. B. <i>et al.</i> 2021.	Condições que interferem no cuidado às mulheres em situação de	Conhecer as condições que interferem no cuidado às mulheres em	Qualitativo	O estudo revelou que o cuidado à mulher em situação de violência conjugal perpassa pelo preparo profissional,
	violência conjugal.	situação de violência conjugal.		pela organização dos serviços de saúde e um fluxo de atendimento articulado e intersetorial.
<b>AUTOR/ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>CONCLUSÃO</b>
RIBEIRO, C. L. <i>et al.</i> 2021.	Atuação do enfermeiro na preservação de vestígios na violência sexual contra a mulher: revisão integrativa.	Analisar os desafios da atuação do enfermeiro na preservação de vestígios nos casos de violência sexual contra a mulher, evidenciados na literatura.	Revisão integrativa.	Ações que visem capacitar os enfermeiros. A criação de protocolos, de forma a ampliar e implementar políticas públicas já existentes, são imprescindíveis para o fortalecimento da atuação do enfermeiro na preservação de vestígios nos casos de violência sexual contra a mulher.

SOUZA, M. A. R. <i>et al.</i> 2021.	Percepção das mulheres em situação de violência sobre o apoio formal: <i>Scoping review.</i>	Examinar e mapear as evidências científicas acerca das percepções das mulheres em situação de	Qualitativas, quantitativas e métodos mistos.	O acolhimento e vínculo propiciado por alguns serviços de apoio resultou em propostas de mudanças e suscitou nas mulheres reflexão, confiança e busca para
--	---	---	---	--



		violência quanto aos serviços de apoio social formal.		saída do ciclo da violência. O contrário gerou afastamento dos serviços e conseqüente permanência junto ao agressor.
--	--	---	--	--

Conforme Silva *et al.* (2007) se refere à violência contra a mulher como desigualdade de gênero, um problema sério e importante na sociedade, fora observado que mulheres que sofrem a violência doméstica passam também pela violência psicológica, que é o ponto inicial.

Em vista disso, o número de notificação tem crescido cada vez mais com o decorrer do tempo. Por outro lado, nos deparamos com muita subnotificação, especialmente em decorrência das vítimas não se sentirem seguras para esclarecer os acontecimentos que estão ocorrendo dentro de casa. Em contrapartida, Ribeiro *et al.* (2021) destaca que este fato pode estar relacionado ao medo da responsabilização legal ou represália por parte do profissional.

Nessa situação, alguns profissionais ainda se sentem inseguros para conversar, notificar e se posicionar diante de tal situação, com isso os autores abordam sobre a importância do preparo profissional tendo em vista que a educação permanente e a qualificação profissional são extremamente necessárias no processo de prevenção dos casos de violência, bem como na promoção da saúde dessas mulheres. Tal evidência é constatada pelos autores ao apontarem a necessidade da criação de protocolos que direcionem ações e condutas profissionais, bem como que se assegurem através da formação acadêmica uma matriz curricular que aborde sobre a atuação do profissional frente às vítimas de violência (RIBEIRO *et al.* 2021).

Em consonância a este pensamento, Carneiro *et al.* (2021) acrescenta que "ainda que existam lacunas na formação profissional no que se trata da abordagem dessa temática, surge a necessidade dessas trabalhadoras buscarem de forma autônoma o conhecimento", prezando assim por um cuidado e assistência qualificada às mulheres em condição de violência.

Lettiere *et al.* (2008) descreve que os profissionais da área da saúde não

têm um bom direcionamento para os cuidados com as vítimas, tendo sempre o mesmo foco de cuidar das lesões e apenas preencher uma notificação que é usada para ter um controle de quantidade de casos no município.

Ao vislumbrarmos este cenário, reconhecemos que durante a graduação em enfermagem existe uma grande defasagem na capacitação acerca do correto preenchimento e da importância da ficha de notificação compulsória para evidência dos dados epidemiológicos de um município, por exemplo, o que reafirma o pensamento de autores aqui citados que apontam para a necessidade de uma formação cada vez mais qualificada.

Ainda para Lettiere *et al.* (2008), para o profissional intervir em uma violência, ele precisa saber identificar quando uma mulher está passando por tal circunstância e assim prevenir o agravamento, com isso, o enfermeiro deve acolher a vítima de maneira humanizada, para assim conseguir manter o diálogo e poder entender a situação em que se encontra a mesma, podendo então promover uma resposta satisfatória através de uma abordagem baseada em evidências e centrada na condição vivenciada pela vítima.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados desse estudo reforçam a importância de compreender sobre tipos de violência a partir de uma linguagem simples, de fácil entendimento e compreensão à toda população, inclusive pessoas leigas, pessoas essas que sofrem por não terem o conhecimento fidedigno de cada ato violento, de leis que geram proteções para com elas e programas de apoio. Diante dessas ações aqui destacadas, a violência teria uma constante diminuição dos casos, as vítimas teriam o conhecimento adequado para lidar com cada situação e, assim, buscariam seus direitos como cidadãos. Profissionais se atentariam mais nos sinais e sintomas demonstrados pelas vítimas e incluiriam cuidados mais efetivos para o processo de recuperação da mesma. O tema em si tem uma grande importância a ser debatido, pois traz novos conhecimentos tanto para a população leiga, como para os atuantes da área da saúde, a partir de embasamentos teórico-científicos.

Sendo assim, destacamos que o presente artigo trouxe novos

conhecimentos de como cada profissional de saúde, em especial o profissional enfermeiro se sente diante de inúmeros tipos de violências. Posto isso, deslumbra-se que é de suma importância apresentar um trabalho discorrido sobre cuidados a serem prestados às mulheres vítimas de violência, sendo incorporados cuidados cada vez mais humanizados, compreensivos, baseados em evidências e acolhedores.

Destaca-se, ainda, que para ter um bom direcionamento diante de tais situações, foram expostas soluções, tais quais capacitações a serem feitas para com os enfermeiros. Sem esses estudos mais aprofundados, na maioria das vezes os mesmos têm o direcionamento de cuidar somente dos danos físicos, sem ao menos ter um diálogo para entender o ponto de vista das vítimas e assim poder prestar uma assistência mais qualificada e direcionada, como encaminhamentos às equipes multiprofissionais e notificação compulsória da situação de violência.

Posto isto, reiteramos que o presente ensaio servirá como importante subsídio de estudos, de modo a garantir grandes possibilidades de conhecimento entre os profissionais enfermeiros, sendo o ápice desse conhecimento a efetivação de um atendimento cada vez mais humanizado e qualificado às mulheres vítimas de violência e o intenso trabalho nas suas formas preventivas.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ingrid de Almeida; SILVA, Maria Júlia Paes. Cuidado humanizado de enfermagem: o agir com respeito em um hospital universitário. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 60, p. 546-551, 2007. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/reben/a/zwq9mcbRqtP8xVNHxg3QtJF/?format=pdf&lang=pt>>

. Acesso em: 27 de agosto de 2021.

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO. **Luta Contra a Violência à Mulher**: outubro/2020.

Disponível em: <[http://www.saude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/boletimLutaContraViolenciaMulherNo05\\_2020.pdf](http://www.saude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/boletimLutaContraViolenciaMulherNo05_2020.pdf)>.

Acesso em: 27 de agosto de 2021.

CARNEIRO, Jordana Brock *et al.* **Condições que interferem no cuidado às mulheres em situação de violência conjugal**. Escola Anna Nery, v. 25, 2021. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ean/a/mddcddNC37JqwwkYMQmP6mt/?lang=pt>>.  
Acesso em: 27 de agosto de 2021.

GUEDES, Brena Kécia Sales; GOMES, Flâmela Keyylla Silva. **Violência contra mulher**. Faculdade Cearense em Revista, Damas-Fortaleza, p. 1-16, 2014.

Disponível em:

<<https://www.faculdadescearenses.edu.br/revista2/edicoes/vol7-1-2014/artigo12.pdf>>. Acesso em: 27 de agosto de 2021.

LETTIERE, Angelina; NAKANO, Ana Márcia Spanó; RODRIGUES, Daniela Taysa. Violência contra a mulher: a visibilidade do problema para um grupo de profissionais de saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 42, p. 467-473, 2008.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/5P6h8H7hJFz9nYhw6fFz6wh/?lang=pt>>.  
Acesso em: 27 de agosto de 2021.

MIURA, Paula Orchiucci *et al.* **Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos**. Psicologia & Sociedade, v. 30, 2018. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/psoc/a/dQc8Zb4b7z68hpCkKG9cBKK/?lang=pt&format=pdf>>

. Acesso em: 27 de agosto de 2021.

RIBEIRO, Camila Lima *et al.* **Atuação do enfermeiro na preservação de vestígios na violência sexual contra a mulher: revisão integrativa**. Escola Anna Nery, v. 25, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/Gs7krMQLVcdcm8SCnkt4TVJ/?lang=pt>>. Acesso em: 27 de agosto de 2021.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. **Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica**. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 11, p. 93- 103, 2007. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/icse/a/9SG5zGMVt4VFDZtzbX97MkP/?lang=pt>>.

Acesso em: 27 de agosto de 2021.

SOUZA, Marli Aparecida Rocha de. **Educação permanente em saúde: desenvolvimento de competências profissionais na atenção às mulheres em situação de violência**. 2020. Disponível em:

<<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/69966/R%20-%20T%20-%20MARLI%20APARECIDA%20ROCHA%20DE%20SOUZA.pdf?sequence=1&isAll>

owed=y>. Acesso em: 27 de agosto de 2021.

SOUZA, Marli Aparecida Rocha de *et al.* **Percepção das mulheres em situação de violência sobre o apoio formal: Scoping review**. Escola Anna Nery, v. 25, 2020.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ean/a/TKrgJV6ty7Z6JYGKkyVjjYG/?lang=pt>>. Acesso em: 27 de agosto de 2021.

TEXEIRA, Márcia Regina Ribeiro *et al.* **A paz do mundo começa em casa.** 2012. Disponível em:  
<file:///C:/Users/gamer/Downloads/a%20paz%20do%20mundo%20come%C3%A7a%20em%20casa.pdf>. Acesso em: 27 de agosto de 2021.

VIANA, Aline Lopes *et al.* **Violência contra a mulher.** Rev. Enferm. UFPE online, p.923-929, 2018. Disponível em:  
<<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-970469>>. Acesso em: 27 de agosto de 2021.